CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
À FLOR DA PELE
26 de agosto de 2025

THE ELEPHANT MAN / 1980

O Homem Elefante

Um filme de David Lynch

Realização: David Lynch / Argumento: Christopher De Vore, Eric Bergren, David Lynch, baseado em *The Elephant Man and Other Reminiscences*, de Sir Frederick Treves, e *The Elephant Man: A Study in Human Dignity*, de Ashley Montagu / Fotografia: Freddie Francis / Direcção Artística: Bob Cartwright / Efeitos Especiais: Graham Longhurst / Caracterização: Christopher Tucker / Montagem: Anne V. Coates / Música: John Morris / Intérpretes: Anthony Hopkins (Frederick Treves), John Hurt (John Merrick, o "homem elefante"), Anne Bancroft (actriz Madge Kendal), John Gielgud (Carr Gomm), Wendy Hiller (enfermeira-chefe), Freddie Jones (Bytes), Hannah Gordon (mulher de Treves), Helen Ryan (princesa Alex).

Produção: Mel Brooks (Brooksfilms) / Cópia: DCP, preto e branco, legendada em português / Duração: 124 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, 3 de Outubro de 1980 / Estreia em Portugal: Apolo 70, 22 de Maio 1982

Elephant Man é o segundo filme de David Lynch, mas é, de facto, aquele que o revelou ao público em geral. Após várias curtas-metragens feitas entre 1966 e 1974, Lynch lançou-se na longa-metragem com um filme singular e "estranho": **Eraserhead/No Céu Tudo É Perfeito**, espécie de ensaio "surrealista" que é já uma espécie de súmula de toda a sua obra e cujas sinais se vão encontrar nos filmes seguintes. De facto, várias cenas de **Elephant Man** parecem ser quase uma espécie de "continuação" do anterior, de que se destacam as do começo e final e as cenas correspondentes aos sonhos de John Merrick. Mas também aqui, outras se projectam no futuro. O começo e o final, por exemplo, anunciam outras cenas que Lynch usará no princípio e no fim de **Dune**, com o grande plano da mãe de Merrick e céu estrelado, semelhantes nos dois filmes.

Exceptuando as referidas cenas, **Elephant Man** é, essencialmente, um típico "biopic" centrado à volta de uma singular personagem da Inglaterra vitoriana: John Merrick, nascido em Leicester em 1962. Baseado num livro do seu protector e estudioso do caso, o doutor Fredrick Treves, o filme abre, de forma onírica, com a encenação da "lenda" que a crendice popular criou à sua volta: o facto de sua mãe, aos cinco meses de gravidez ter sido atacada por um elefante enfurecido e transformou a neurofibromatose, uma doença congénita caracterizada pela aparição de tumores nos nervos periféricos, que no seu caso se agravaram provocando a deformidade (o crânio, o lábio superior e o braço direito) que a caracterização reproduz de forma fiel, fosse vista como "resultado" do referido ataque, o que originou o nome que lhe foi atribuído na exploração como fenómeno de feira de que foi objecto durante muitos anos: o de "Homem Elefante". Descoberto por Treves em 1884, Merrick foi apresentado como um caso clínico e, mais tarde feito residente do hospital de Londres onde se tornou objecto de curiosidade científica e "social", protegido pela princesa Alexandra de Gales, tendo falecido em 1890, segundo parece tal como o filme encena: quando tentava dormir, pela primeira vez, como qualquer outro ser humano, sendo asfixiado pelo peso da cabeça.

Ao ver-se o filme, salta à vista que ele segue, de forma mais ou menos fiel, a história real de Merrick, o que justifica a classificação de "biopic". Mas **Elephant Man** apresenta muitos outros elementos que desde logo fazem dele um filme singular e bem característico da obra (passada e futura) de Lynch. A começar pela personagem de Frederick Treves (Anthony Hopkins, no papel que o impôs, definitivamente, como o grande actor que hoje conhecemos) e a de Bytes (Freddie Jones), o explorador de Merrick na feira. De facto, um, parece, de certo modo, o reflexo do outro. Há mesmo um momento em que Bytes diz a Treves que a diferença entre eles é pouca. E o percurso de Merrick (John Hurt, que acabara de fazer o famoso papel do homem que dá à "luz" o monstruoso **Alien** no filme de Riddley Scott, e que teria uma nomeação para o Óscar pelo seu trabalho no de Lynch). Por bem intencionado que Treves seja, a relação entre ele e Merrick é da mesma ordem (sem a brutalidade) da de Bytes com o desgraçado, e ele chega, em certos momentos (a confissão à mulher) a ter a noção disso, principalmente ao verificar como a sua fama se desenvolve e se torna o médico de momento graças à sua "descoberta". A personalidade de Treves comporta alguma ambiguidade e uma certa penumbra que não deixa de se assemelhar à de outros personagens que Lynch apresentará no futuro. Outra característica do realizador encontra-se na "atmosfera" que enquadra a narrativa, aqui reforçada pela prodigiosa fotografia a preto e branco de Freddie Francis, e nos contrastes entre o meio social em que Treves vive e aquele onde vai buscar Merrick, contrastes encenados da mesma forma "reveladora" que aparecem em, por exemplo, **Blue Velvet/Veludo Azul**, e que, neste caso expõe a dicotomia da sociedade vitoriana, típica do capitalismo "selvagem" (que tem vindo a regressar sob a capa de "neoliberalismo", se me desculpam a deriva contemporânea): a mais degradante miséria que se esconde por baixo da sofisticada existência das classes abastadas, mas ambas denotando o mesmo tipo de reacção face à "diferença": a curiosidade de feira popular e a da exposição social benemérita são (quase?) da mesma ordem.

Mas onde o filme de Lynch se separa definitivamente dos clássicos "biopics" é na forma como nos apresenta John Merrick. O que o distingue inclusivé de outros filmes sobre os "freaks" (inclusivé o clássico de Tod Browning), é que faz dele o centro da narrativa e nos faz, mais do que acompanharmos a sua tragédia, percebermos o seu sentido e fazer-nos entrar na sua pele. Lynch evita cuidadosamente as possíveis cenas de "choque", a começar pela "apresentação" da personagem. A primeira vez que o vemos, tal como ele é, é de uma forma particularmente perturbante: um ser indefeso que procura esconder-se na sombra perante o olhar "aterrorizado" da enfermeira (esta aparição não deixa de lembrar a "entrada em cena" do "monstro" de Frankenstein no primeiro filme que Terence Fisher dedicou à criação de Mary Shelley: **The Curse of Frankensein/A Máscara de Frankenstein**). E da apresentação de Merrick à classe médica no anfiteatro do Hospital, só nos é mostrada a silhueta de Merrick por detrás da tela. Nesta evolução do olhar do filme sobre Merrick é ele que vai tomando relevo sobre todos os outros, inclusivé Treves, e o que poderia ser uma reacção de compaixão vai, a pouco e pouco, transformando-se em aceitação da diferença, que nos faz, enfim, compreender todo o drama e sentido do seu grito no urinol público onde é encurralado pelo público: "I am not a elephant! I am not an animal! I'm a human being! I AM A MAN!"

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico